



Dossiê:
O homem que foi um enigma
Vida, pensamento e obra
de Søren Kierkegaard

O CONCEITO DE “ESCÂNDALO” EM KIERKEGAARD E O FIM DA TEOLOGIA

por Diogo Alves da Conceição Santana¹

Resumo: O conceito teológico de *parousia*, além de sugerir um sentido histórico para a experiência cristã de Deus, expressa um sentido hermenêutico. Essa experiência, ao invés de engessar o texto numa doutrina, o pluraliza, remetendo-o à individualidade. Ao estar só com Deus. Esse confronto, não elimina a possibilidade kierkegaardiana de escândalo, ou seja, de negar-se ser confrontado com Deus. A ausência do confronto com o indivíduo impossibilita que o texto ganhe “espírito”, limitando-se à objetividade pura, a uma doutrina às multidões, portanto, limitada à ética.

Palavras-chave: Søren Kierkegaard; indivíduo; fé; escândalo; ética.

Abstract: The theological concept of *parousia*, besides suggesting a historical sense to the Christian experience of God, expressed a hermeneutical sense. This experience, rather than stifle the text in a doctrine, pluralizes, referring it to the individuality. To be alone with God. This confrontation does not eliminate the possibility Kierkegaard scandal, that is, deny to be confronted with God. The absence of confrontation with the individual makes it impossible for the text has “spirit”, limited to the pure objectivity, a doctrine to the people, therefore, limited to ethics.

Keywords: Søren Kierkegaard; individual; faith; scandal; ethic.

¹ Diogo A. C. Santana é bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista em Duque de Caxias, RJ, e autor dos livros *O Deus de carne* (2009) e *Diálogos* (2010), entre outros, e do artigo *O que é anarquismo cristão?* (2010). E-mail: diogsantana45@yahoo.com.br.



Do ponto de vista epistemológico, compreender se estabelece por intermédio de uma distância entre o ser que conhece e o objeto conhecido. Todavia, essa mesma distância propõe um limite para o conhecimento do objeto (reduzindo-o a fenômeno) e a impossibilidade de um conhecimento objetivo sobre esse ser que conhece. Por essa via se estabelecem as ontologias de Heidegger e anteriormente, de Kierkegaard.

O ser não é objeto de conhecimento de si mesmo. Tal distância que o eu tem em relação a si mesmo Kierkegaard denominou “desespero”. Isso o impede de qualquer tipo de sistematização. A referência kierkegaardiana para o conhecimento do eu é a eternidade. O ser apenas se torna objeto de conhecimento enquanto se comprehende eterno. Daí as etapas dialéticas que promovem um desvelamento do ser em direção a si mesmo (de um eu inconsciente de ser eterno até um eu consciente dessa eternidade).

Por outro lado, pensadores como Nietzsche, Marx e Foucault, colocam em xeque a validade desse conhecimento objetivo sobre o objeto, como limitado e tendencioso. Por conta disso, se tornou comum entre os filósofos, preocuparem-se mais como tais conhecimentos objetivos se tornam válidos e não ousarem defender qualquer tipo de verdade inata a eles. Essa tendência não levou à alternativa senão a reduzir tudo a um agnosticismo simplista.

A impossibilidade de um conhecimento objetivo torna o próprio conhecimento um tipo de invenção, um produto, que por intermédio de uma linguagem e um discurso específico, exerce poder (controle)

sobre os indivíduo de maneira subliminar. Tanto para Marx, quanto para Nietzsche, esse conhecimento possui um dono. Esse poder confere sentido, paz de espírito e conformidade, pois explica um mundo que originalmente (por conta dessa distância ontológica entre ser e objeto) não é explicável, não é redutível a uma teoria.

Foucault, por outro lado, defende a existência descentralizada desse poder. Todo conhecimento, enquanto instrumento de poder precisa ser uniforme. Obediência cega a regimes totalitários ou liberdades individuais para todos constituem-se de um princípio regulador comum. Por outro lado, o que presenciamos hoje é o surgimento de uma infinidade de conhecimentos que se opõe entre si por conta da crescente especialização das ciências. As ciências se distanciam uma das outras sem possibilidade de conciliação. Essa oposição fragmenta o indivíduo. Ele perde as certezas, enfraquecendo os discursos predominantes de coesão social fundado originalmente nas instituições, dentre elas, religiosas, justificadas predominantemente por um discurso Téo-lógico. Um discurso objetivo sobre o divino.

Até que ponto a teologia é válida, tornando Deus um objeto do conhecimento objetivo?

Não há homem que possua uma imagem completa do divino. Que determine uma palavra final sobre ele. Toda imagem sobre o divino é provisória, por basear-se em simples especulação fenomenológica. Toda imagem objetiva do divino é provisória, e por isso mesma, falsa. Esse Deus, comprehensível em parte pela história e



pela especulação, em parte obscuro, constitui de um simulacro de divinização da história e/ou da especulação. Deus é substituído pela divinização da objetividade. Surge assim, um equivocado conhecimento sobre ele. Deus se torna à medida do homem à medida em que tenta transformar em conhecimento objetivo (científico) a experiência cristã de Deus, isto é, o próprio Jesus Cristo. A tentativa dos teólogos em tornar o logos divino num objeto de conhecimento científico se torna intensamente problemática. A alta crítica textual da bíblia crucifica o logos, é ele quem morre crucificado, permanecendo apenas o homem Jesus, preso à história.

Entretanto, que homem está preso inteiramente às condições impostas pela história? Que homem está em evidente condição em ser definido? Isto é, que homem está, inteiramente sujeito a ser um simples produto do seu meio? Se existe liberdade, esta pressupõe que o homem em certa medida esteja acima da história, a fim de poder transformá-la. Exige singularidade, subjetividade e esta, possui como referência a eternidade e o estar perpetuamente “diante de Deus”.

“Esta oposição do pecado e da fé domina o cristianismo e transforma, cristianizando-os, todos os conceitos éticos, que dela recebem assim um mais profundo relevo. É sobre o critério soberano do cristão que ela repousa: se está ou não perante Deus, critério que implica outro, por sua vez decisivo no cristianismo: o absurdo, o paradoxo, a possibilidade do escândalo. A presença deste critério é de extrema importância todas as vezes que se quer definir o cristianismo, pois é o escândalo que defende o cristianismo contra qualquer especulação.” (Kierkegaard, 1979)

Existir perante Deus! Exige, segundo Kierkegaard a consciência do pecado. O que em hipótese alguma é um categoria da ética. A ética não conhece o pecado. Só o indivíduo. Sistematizar o cristianismo numa doutrina exige que ele se torne uma proposta ética, mas não existencial. Daí a crítica de Kierkegaard às generalizações proposta pela cristandade e a visível descaracterização do cristianismo.

No final de seu livro *O Desespero Humano* Kierkegaard propõe a demonstrar como o cristianismo se defende desse simulacro, através do conceito de “escândalo”. O que seria para Kierkegaard o “escândalo” e qual a sua importância para salvaguardar o texto de sistematizações?

O escândalo impede o cristianismo de generalizações. Não seria esse conceito próximo a *parousia*² cristã? A *parousia* aparece nos escritos do novo testamento como forma para salvaguardar o logos enquanto experiência cristã de Deus. Esse conceito, embora muito conhecido como processo histórico é completamente esquecido em seu sentido hermenêutico, de forma que o logos que habita o texto, impede, enquanto espírito desse mesmo texto, sua sistematização. A *parousia* constitui a presença do Cristo (de quem ele é) no texto de modo a julgar quem o lê, e somente ele como indivíduo, como pecador. Contudo, não há nessa experiência uma condenação, mas a proposta de remissão dos pecados. Sendo assim, a *parousia* de modo

² O termo *parousia* (*παρουσία*) é traduzido como “presença”, “vinda”, “advento”. Constitui um termo muito comum no Império Romano indicando a visita do imperador a qualquer estabelecimento, adotado posteriormente pelos cristãos.



algum, em seu sentido existencial, define um Cristo que se foi e que voltará históricamente, mas um Cristo que está presente permanentemente. Daí a consciência de se estar perante Deus ser inseparável de uma consciência do ser enquanto espírito (subjetividade) privado desse Deus (em estado de desespero e condenação pela qual o homem sozinho, não se pode defender).

“E então o cristianismo! A lição que ele dá é que esse indivíduo, como qualquer indivíduo, seja ele qual for, marido, mulher, criada, ministro, negociante, barbeiro, etc..., é que esse indivíduo existe perante Deus – esse indivíduo que por ventura se orgulharia de ter uma vez em toda sua vida falado ao rei, esse mesmo homem, que seria já alguém pelo seu comércio amistoso com este ou aquele, esse homem está perante Deus, pode falar com Deus quando quiser, com a certeza de ser escutado, e é a ele que propõe viver na intimidade com Deus! Mais ainda: foi por esse homem, por ele também que Deus veio ao mundo, se deixou encarnar, sofreu e morreu; e é esse Deus de sofrimento que lhe roga e quase suplica que aceite o socorro, que é um oferecimento! Se há no mundo coisa para enlouquecer, não será esta? Quem quer que não o ousa crer, por falta de humilde coragem, escandaliza-se. Mas se se escandaliza, é por que a coisa é demasiado elevada para ele, porque não lhe pode entrar na cabeça, porque não pode neste caso falar com toda a franqueza, e eis porque lhe é necessário pô-la de parte, considerá-la nada, uma loucura, uma ingenuidade, de tal modo ele se sente sufocado.” (Kierkegaard, 1979)

A ausência de sistematização, impossibilita ao cristianismo qualquer defesa. Afirmando-o como experiência cristã de Deus, não

como conceito universalmente válido. “Escandaliza-te ou crê” é a proposta do cristianismo. Uma decisão como essa não pode ser realizada sem confronto. Com Deus e consigo mesmo enquanto pecador. Escandalizar-se consiste pois ignorar ou julgar como absurdo (o que de fato é) o cristianismo fora dos padrões da generalidade, pois põe em risco as “morais de rebanho” institucionais, fim ao discurso que as sustenta. Fim a teologia.

“Vê-se agora que extraordinária tolice se comete defendendo o cristianismo, como se trai assim o restrito conhecimento do homem, e como essa tática, ainda que inconsciente, tem, sub-repticiamente, partida ligada com o escândalo, fazendo do cristianismo uma coisa tão lamentável, que por fim é necessário advogar a sua causa para o salvar. Tanto isto é assim que o primeiro inventor na cristandade duma defesa do cristianismo é de fato um outro Judas; também ele trai com um beijo, mas é o beijo da estupidez. Advogar desacredita sempre. Suponhamos alguém que possui um armazém cheio de ouro e que queira dar todos os seus ducados aos pobres – mas se cai ao mesmo tempo na estupidez de começar a sua caridosa empresa com um discurso, demonstrando em três pontos tudo o que ele tem de defensável, nada mais é preciso para que seja posta em dúvida a caridade do seu gesto. Mas então o cristianismo? Declaro incrédulo aquele que o defende. Se crê, o entusiasmo de sua fé nunca é uma defesa, é sempre um ataque, uma vitória; um crente é um vencedor.” (Kierkegaard, 1979)

O engessamento do cristianismo numa doutrina constitui um caricato saudosismo. O saudosismo de uma época em que se julgava



Cristo presente e a constatação atual de seu desaparecimento. Do texto e da vida. Os teólogos se portam como xamãs e seus dogmas como rituais para o retorno da chuva em épocas de seca: mágica, ilusionismo e superstição não podem solucionar o problema. É preciso deixar-se escandalizar por Cristo. É preciso que o indivíduo escolha!

Referências bibliográficas

- FLORES, D. A. (s/d), *Parousia*. In: Dicionário bíblico: concordância analítica do grego do Novo Testamento. Disponível em: <<http://dicionariobiblico.blogspot.com.br/2007/09/vinda.html>>.
- KIERKEGAARD, S. (1979), *Diário de um sedutor* [1843]; *Temor e tremor* [1843]; *O desespero humano* [1849]. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural. [Nova edição brasileira: *O desespero humano*. São Paulo: Martin Claret, 2007.]
- SANTANA, D. A. C. (2009), *O Deus de carne: uma introdução à cristologia*. Pará de Minas: Virtualbooks.
- _____. (2010a), *O que é anarquismo cristão?: uma leitura de Tiago 4.4*. In: Espiritualidade Libertária, São Paulo, n. 1, 1. sem. 2010, pp. 408-437.
- _____. (2010b), *Diálogos*. Rio de Janeiro: Multifoco.

[Texto recebido em 25/3/2012.]